

DA OBRIGAÇÃO À RACIONALIDADE À RACIONALIZAÇÃO DOS INTERESSES PRÓPRIOS: OBSERVAÇÕES ALEMÃS SOBRE UM FENÔMENO GLOBAL¹

FROM THE OBLIGATION TO RATIONALITY TO THE RATIONALIZATION OF OWN INTERESTS: GERMAN OBSERVATIONS ON A GLOBAL PHENOMENON

Andreas Gruschka²

Resumo

O objetivo desse artigo é refletir sobre o processo de apropriação da razão, outrora entendido como ações decorrentes da racionalidade e que se converte, hoje, em uma espécie de racionalização dos interesses próprios. O objeto de análise é o fenômeno global de mutação do sentido que se atribui à política em vários episódios recentes, tanto na Alemanha, como no mundo. O ressurgimento do fascismo não aparece no horizonte, mas sim em uma sociedade na qual a luta contra o outro, percebido como alienígena e hostil, como competição, determina todas as esferas da vida. Que tipo de perspectivas podemos ter, diante de um cenário cada vez mais hostil e irracional? As análises dos fenômenos atuais do cenário político nos ajudam a refletir, de forma ampla e crítica, diversos aspectos da questão formulada.

Palavras-chave: Razão; Racionalidade; Processos de Racionalização; Teoria Crítica; Globalização da Política.

Abstract

The aim of this paper is to reflect on the process of appropriation of reason, once understood as actions resulting from rationality and which today becomes a kind of rationalization of one's own interests. The object of analysis is the global phenomenon of mutation of meaning attributed to politics in several recent episodes, both in Germany and in the world. The resurgence of fascism does not appear on the horizon, but in a society in which the struggle against the other, perceived as alien and hostile, as competition, determines all spheres of life. What kind of perspectives can we have in front of an increasingly hostile and irrational scenario? Analyzes of the current phenomena of the political scenario help us reflect, broadly and critically, on several aspects of the question asked.

Keywords: Reason; Rationality; Rationalization Processes; Critical Theory; Globalization of Politics.

¹ Tradução: Hedwig Gruschka. Revisão Técnica: Antônio A. S. Zuin e Luiz Roberto Gomes (UFSCar).

² J. W. Goethe Universität - Frankfurt am Main. E-mail: A.Gruschka@em.uni-frankfurt.de

Até o presente momento, trabalhei temas que vincularam a educação com a sociedade nos encontros que tive com este grupo de pesquisa. Mas agora uma grande incerteza me leva a outro tópico e outra direção. Estou preocupado com a diminuição da aceitação dos valores afirmados como universais e também amplamente aceitos por pessoas mentalmente e moralmente sensíveis e pensantes. Eles se concretizaram na obrigação geral à racionalidade do juízo: do uso da razão individualmente responsável.

O esclarecimento europeu se espalhou para o mundo inteiro. Por meio de sua dialética, ele construiu a fundação de nossa civilização, o que não menos Adorno e Horkheimer inquietantemente nos informaram. Isso se refere à ideia da verdade (de conhecimento objetivo do mundo), do bom (da moral prática e a ideia da vida reta) e do belo (a tarefa de prática estética). Estas ideias, que fundaram nossa vida, ainda se aplicavam onde o desenvolvimento da civilização era interrompido, danificado ou mesmo destruído por fraturas, como no caso do fascismo alemão ou do stalinismo soviético.

Sendo assim, as tentativas de estabelecer uma física alemã contra uma física judaizada eram risíveis. Wernher von Braun nunca teria aceitado isto. Tampouco a adaptação de Lyssenko, da ciência ao materialismo dialético monstruosamente mal compreendido do tipo stalinista, não contribuiu para vencer a "grande guerra patriótica" contra o fascismo, mas sim a tecnologia que se baseou nas ciências avançadas.

Tão imenso quanto o crime dos nazistas contra qualquer das interpretações tradicionais de moralidade, seja a kantiana ou a smithiana, foi também sua condenação sobre as boas razões do bem fundado. Posteriormente ao nazismo, quando o objetivo de santificar os meios revelou-se na barbárie, estes foram comprovados como sendo os da maldade. No ato de se avaliar o bem, havia apenas uma discordância fundamental em relação aos casos limítrofes, como o do aborto. Contudo, houve concordância de que o agressor só poderia ser condenado se o seu ato realmente existisse, ou então em relação às promessas que deveriam ser cumpridas, ou mesmo que a mentira deliberadamente enganosa fosse considerada imoral. O valor desses valores ou virtudes foi incorporado como burguês, sendo conscientemente afirmado e não simplesmente obedecido, mesmo decretado de cima. Até no mais debilitado universal há o belo, pois é sempre possível encontrar uma busca controversa ou incompreendida pela expressão estética que serve como um vislumbre do reconciliado e do bom. Ou, como Adorno disse certa vez, a arte que nos perturba, que nos confronta com o pior,

tem a serventia de, em última análise, nos auxiliar a compreender o desespero como algo redentor. Em nossas sociedades democráticas, nas quais eu cresci, podia-se contar com o fato de que uma imprensa livre seria uma agência tutelar contra ameaça ou abuso de poder percebido.

Tornou-se famoso na Alemanha o teste de tal agência na ocasião do "Spiegel Affair" no início dos anos 60, quando o editor e alguns de seus seguidores foram presos e a sociedade respondeu com protestos em massa. Depois disso não houve mais tais abusos do estado. Apesar de muitos escândalos desenvolveu-se a confiança no Estado de Direito. A ciência teve que se submeter à lógica de argumentos melhores. Sua "expertise" foi considerada uma expressão de uma racionalidade mais elevada. Com Adorno/Horkheimer, até mesmo a crítica tornou-se de novo socialmente aceitável, mas isso só ocorreu por meio de um processo de difícil aprendizado, embora tenha sido bem sucedido. A reputação da polícia mudou: de braço espancador prolongado do Estado se transformou em prestadora de serviço. Os intelectuais dos anos 60 e 70 situavam-se mais ou menos à esquerda, eram patrióticos constitucionais e alinhados a tornar a sociedade mais justa e mais habitável. Willy Brandt tornou-se o líder de uma nova "internacional" (um grupo de políticos renomados), que destacou as preocupações do chamado "Terceiro Mundo". Eu nunca li o discurso de alguns intelectuais sobre o eurocentrismo das idéias do esclarecimento (Aufklärung), ou a desconstrução dos pressupostos de racionalidade, como uma rejeição do esclarecimento, mas sim como momentos de sua indispensável autocrítica.

Foi interessante observar como alguns dos críticos mais severos, motivados por experiências políticas, mudaram suas opiniões, tais como André Glucksmann, que enveredou para a direita, e Foucault que se tornou leitor de Adorno. 1989 foi o ano em que a irracionalidade do sistema compreendido de lutas dos dois primeiros mundos deu lugar a uma perspectiva racional. Sendo assim, os *bunkers* nucleares idioticamente em paz, perderam sua função, sendo que um deles situava-se, por assim dizer, atrás do nosso jardim. Vou interromper as boas novas. Elas certamente seriam complementadas por más notícias. Mas deixo isso para trás, porque estou preocupado com a incerteza de que a confiança nos valores universais e na racionalidade do julgar não só se tornará, como também será cada vez mais ridicularizada. Por baixo, isso já acontece há um longo tempo, sendo que se encontravam alguns obstinados que a promoveram.

Agora esse afastamento da racionalidade vinculante atingiu o centro da sociedade e,

no mais tardar, desde Trump governa o mundo de cima. Não se pode alegar que o africano desesperadamente empobrecido buscava esses valores fugindo para a Europa, uma vez que ele já havia aprendido que eles não o auxiliavam em sua casa. Também não é de se estranhar que aqueles que foram levados pelas caóticas situações de guerra a fugir para a Europa segura não esperavam necessariamente encontrar o que era tão valioso para nós, mas sim a segurança física e o bem-estar. Que eles iriam apreciar nossos valores revelou-se, na verdade, uma esperança indispensável, sendo que estes valores muitas vezes são combatidos como uma ilusão por aqueles que acreditam no povo. Tais valores se organizam ou são organizados com sucesso por contemporâneos que realmente pertencem aos privilegiados.

No meu país - ainda menos do que nos países vizinhos - iniciou-se uma morosidade que nos afasta dos valores que transmitem a vida reta e justa. A impotência das vozes que se opõem a convencer estes apóstatas a retornar a tais valores está sendo cada vez mais percebida como um augúrio; um sinal de uma nova guerra civil em grande parte global entre as nações que querem ser "*first*", não importam os meios. Resumindo: falo com você sentindo grande ansiedade e conto com o pior. Mas o que isso significa concretamente?

A partir de 2015, os estados europeus foram confrontados com o que posteriormente foi denominado como "crise dos refugiados". A imagem dessa crise passava pelas telas todos os dias. Havia colunas intermináveis de pessoas em fuga, amontoadas em navios ou caminhando nos Balcãs. Em Budapeste, as ruas se entupiram com o ataque das multidões que avançavam. Certamente os alemães mais velhos lembraram-se das viagens de refugiados do Oriente no final da Segunda Guerra mundial. Não menos importante foi o fato de que isto motivou a atitude única da cultura de boas-vindas. Em Munique, milhares de residentes acorreram à estação para saudar e cuidar dos refugiados.

Muitas vezes, antes o extremismo de direita havia reagido com ações contra essa imigração na Alemanha, tal como aconteceu há 25 anos com a queima de turcos imigrantes em sua residência em Solingen. Mesmo assim, foi dito pela direita radical: o barco está cheio. Mas agora uma massa desigual de pessoas chegou ao nosso país. Então a chanceler decretou: "Podemos fazê-lo!" E certamente o faríamos com o tempo, caso não tivesse havido uma agitação que se tornaria socialmente aceitável, por meio da qual um nacionalismo alemão grosseiro cooptou amplos círculos da população. Fossem eles extremistas a princípio, alguns conservadores, e até mesmo cidadãos de esquerda, todos estavam cansados de cuidar daqueles que aqui não tinham oportunidades. Contudo, eles tiveram a impressão de que os limites da

solidariedade haviam sido alcançados, de modo que o povo local seria o perdedor dessa emigração.

Depois de 2015, realmente não houve nenhum outro tema como este em meu país, sendo que isto contaminou muitos que incorporaram a incapacidade aparente ou real do estado e da política para resolver o problema e desenvolveram simpatia por líderes autoritários barulhentos. Não que suas soluções para problemas – que dificilmente podem ser identificadas – sejam atraentes, mas sim a atitude do "homem forte", seja seu nome Putin, Erdogan ou agora Trump.

Então surge a questão: como tudo isso afeta as conquistas que mencionei? O sistema judicial se impõe ao Estado de Direito, a política também obstrui a lei por meio de diretrizes pouco claras que, por sua vez, são devidas à constituição e ao Estado de Direito. Portanto, seria correto para alguns concidadãos se o direito tivesse acesso às relações claras, isto é, se deportação imediata, fosse rompida. Os meios de comunicação de massa monitoram tais processos, mas eles estão sendo cada vez mais rotulados como inimigos da população, mais especificamente por aqueles que dizem considerar o povo.

O novo direito se sente perseguido, marginalizado pela mídia partidária. Eles são finalmente acusados de que a elevada objetividade serviu apenas para manter o equilíbrio de poder; são tratados como uma imprensa mentirosa, a versão alemã das "notícias falsas" (fake news).

Já que tanto o projeto de "esquerda", quanto o de cunho "liberal-esquerdista" da reforma social, trataram as crises do povo desta forma, cada vez mais intelectuais estão começando a fazer com que o pensamento conservador se torne mais aceitável. Consequentemente, excessos são escandalosamente publicizados para logo em seguida serem arquivados em função da irrelevância de suas próprias preocupações. Voltarei a este tema logo adiante.

Independente do fato de que o Estado de bem-estar social na Alemanha continue a fornecer bons serviços às pessoas, e da economia proporcionar aos trabalhadores uma boa oportunidade de vida, não são os precariamente despostos que são a *avanguarda* da resistência à civilização esclarecida.

Os que berram e agitam são os que vêem seu bem-estar anterior ameaçado como se abstratamente fizessem parte de um público alemão fictício. Isso anda de mãos dadas com uma despolarização de grandes círculos que estão muito mais interessados no uso dos

aplicativos mais recentes do que na disseminação da mudança de valores. No final, havia muitos entre os meus alunos que só queriam saber como chegar a uma meta que não sabiam exatamente o que era. Eles queriam passar pela universidade rapidamente e com sucesso graças ao conhecimento útil!

A disposição para julgamentos diferenciados, para a precisão, para a paixão desapaixonada, para ouvir pacientemente, para o entendimento interessado em perceber criticamente outro como a própria instância examinadora, ou como alguém com quem você pode aprender todos esses meios ideais para capacitar-se para a consciência de si e da sociedade têm sido cada vez mais restritos: na mídia, nas instituições educacionais. Qualquer um que reivindicasse uma base específica de seu julgamento como válida tinha que esperar que isso e aquilo fossem questionados. Agora é suficiente ter uma opinião diferente. Você não a tem provisoriamente, mas sempre como uma convicção. Com isso, você já sabe de antemão que o outro está errado ou que ele não quer nada além de me colocar no caminho errado. Isso se torna eficaz com a ajuda de novas formas de racionalização do preconceito. A estupidez objetiva é produzida como lógica.

Eu gostaria de expor algo concreto: há dois anos uma festa de ano novo realizada em algumas cidades, especialmente Colônia, ficou fora de controle porque centenas de refugiados muçulmanos do sexo masculino assediaram as meninas e mulheres alemãs presentes. Assim, a cultura de boas-vindas tornou-se uma cultura suspeita e excitante. Depois de alguns meses, perto de Frankfurt, houve três assassinatos de meninas jovens por refugiados muçulmanos. Não há chance de que, com mais de um milhão de refugiados, sendo a maioria deles composta por jovens do sexo masculino, haja a renúncia completa do registro do comportamento criminoso simplesmente porque são refugiados. Em vez disso, eles podem recorrer aos meios criminosos quando chegam, tendo em conta todas as oportunidades essenciais para se afirmarem nessa sociedade. Neste contexto, é surpreendente o quão pouco aconteceu no meu país até agora. Os brasileiros certamente acharão isso compreensível. Mas, se isso ocorre, significará semanas de cobertura da mídia, isto é, de discurso público dominando este tema. Haverá demonstrações para os estrangeiros em resposta aos outros que identificaram a menina morta como a primeira de milhares que serão sacrificadas, caso Merkel não seja "varrida" e os muçulmanos forçados a voltar para onde vieram. Hoje, essas pessoas que fazem parte de um inventário respeitável do parlamento e as dos *talkshows* serão como que porta-vozes cujos "fundamentos racionais" serão disseminados para a realização de tais demandas. Quando em

um *talkshow* é exposto por um criminologista que a taxa de criminosos violentos entre os refugiados não é maior do que entre outros grupos marginalizados, ou mesmo da população total, de modo que, à luz dos indicadores sociais, a taxa é ainda surpreendentemente baixa, então é dito que não se deve desafiar os advogados do povo alemão: "Se esses refugiados não existissem, as meninas ainda estariam vivas. Se você não quer assassinatos de garotas, você tem que tirar os potenciais criminosos de circulação."

Objetivamente, esta é uma racionalização pérfida, mas por meio de sua "lógica" se tornará um argumento convincente para muitos. Com ela torna-se completamente irrelevante a avaliação do caso individual, o que de fato aconteceu. Muito mais simples e impactante é o indício de que o criminoso tinha a característica de "refugiado muçulmano" (explicado pela tendência da péssima violência masculina machista contra as mulheres). Isso foi o suficiente para exigir o retorno de todos os demais. Os assassinatos demonstraram que houve a transferência da violência presente nos países de origem e, assim, que o Islã não pertence à Alemanha.

A "sutileza se torna maior" quando as exigências são ampliadas. Depois disso, mencionam-se sociedades paralelas já estabelecidas, que são altamente clandestinas e criminalmente fechadas. Qualquer um que queira conter isso deve impedir a formação de um processo contra social. Tal "racionalidade" está ganhando cada vez mais popularidade, especialmente porque a contraposição muitas vezes simplesmente responde de maneira moralizante e transforma o muçulmano em uma pessoa boa e amorosa, ou porque a política de controle e, conseqüentemente, o sistema legal e a polícia, não são mais esperados para conter os problemas ou até mesmo resolvê-los. A impotência e o *laissez-faire* que são atribuídas às autoridades públicas exigem então uma mão forte ordenadora, que se torna a proprietária de uma nova racionalidade finalmente formativa.

Não é na consciência dos convictos que ocorre a simplificação bruta do problema e sua resolução, nem os modelos históricos relacionados ao fracasso de tais soluções ou os posteriores custos desumanos. Se é tão complicado desatar o nó, então somente a espada pode ajudar. Isso pôde ser aprendido desde a antiguidade e não é arbitrariedade, mas sim a expressão de uma razão que não apenas observa, mas intervém. Nesse caso, a intervenção se torna também uma questão da moralidade. Se o perigo estiver à vista, deve-se agir, caso contrário, será um pecado em relação às muitas meninas que foram feitas vítimas. Enquanto as pessoas boas moralizam intolerantemente as condições, as novas pessoas criam condições

morais. Isso anda de mãos dadas com a purificação da cultura, isto é, com intervenções na esfera estética.

Em termos de política cultural, ocorre uma inversão da "arte degenerada", para uma cultura edificante e construtiva, que ajuda a ser ter alto valor consciente de que nós criamos com a nossa própria cultura, que deve ser protegida contra a decadência, tal como no caso da inundação de estrangeiros da cultura, de alienígenas. Isto parece a estas pessoas como a abolição da função crítica da arte, que se limita ao positivo.

Eu gostaria de apresentar brevemente um segundo caso: o do presidente da AfD, Alexander Gauland³. Os funcionários deste partido provocam com violações do tabu, justamente porque recebem uma atenção inaudita. À resistência da violação do tabu eles respondem com a atitude dos mártires. Eles seriam mal compreendidos, na verdade, politicamente abusados. Mas os seguidores gostam da violação do tabu, pois isto proporciona prazer em vista da moralização bem percebida da política em todas as esferas da vida. Alguém finalmente se atreve a fazer algo, agora, como porta-voz da oposição mesmo antes da ação dos representantes do povo no parlamento. Todas as expressões avançadas da vida plural e do liberalismo são atacadas. Popular é o discurso de gênero, mas também a história é finalmente considerada de forma diferente, em oposição à referência sempre evocativa e ameaçadora ao fascismo como legado central. Eis o caso: o presidente Gauland declarou, diante da juventude extremista de direita de seu partido, que os 12 anos entre 1933 e 1945 seriam "merda de mosca" ("Fliegenschiss") em comparação com os mais de mil anos da era de ouro dos alemães. "Sim, nós continuamos sendo responsáveis pelo assassinato dos judeus, mas ele é apenas monstruosamente superestimado e nega toda a gloriosa história, que contou também com os bravos soldados alemães da primeira e segunda guerra mundiais".

Naturalmente, a sociedade decente reage a isso com indignação, mas essa indignação, por sua vez, está mais relacionada à imagem que o agitador logo declara como um dito infeliz do que à coisa que ele deseja expressar. Em outras palavras: uma história alemã, que relaciona tudo e todos ao ponto de Arquimedes do fascismo e do assassinato de judeus não é nem cientificamente descrita como verdadeira, e nem moralmente razoável, pois não atende aos sentimentos de pessoas que cresceram com Beethoven, Mozart, Goethe e assim por diante. Os soldados alemães auxiliaram um ditador na Segunda Guerra, mas fizeram isso em nome da luta pela sobrevivência e proteção da pátria, portanto não foram criminosos, mas sim bravos

³Alexander Gauland foi o co-fundador do partido de extrema direita AfD (Alternativa para a Alemanha) em 2013.

combatentes, da mesma forma que os do exército vermelho e do inglês. Caso isso não fosse reconhecido, seria mais uma vez cometida uma injustiça.

O problema não é que alguém não possa ou não deva argumentar contra isso. Na verdade, a questão é outra. Pois uma fechadura é aberta aqui, através da qual o relativismo de opiniões e pontos de vista fluem como racionalidade até então suprimida, e que depois quer se estabelecer como uma potência com toda a sua força. Não se quer apenas apresentar outra leitura, mas sim destruir o "*mainstream*" anterior e tomar o seu lugar.

Com isso anula-se efetivamente aquilo que motivou a razão à moderação, à sofisticação do julgamento e da crítica, especialmente a imanente, até então amplamente aplicada.

O ressurgimento do fascismo não aparece no horizonte, mas sim em uma sociedade na qual a luta contra o outro, percebido como alienígena e hostil, como competição, determina todas as esferas da vida.

Trump demonstra isso. Se em qualquer lugar só se aplica "eu primeiro", sendo que "primeiro" só pode ser lutar contra todos os outros, de modo que se ser "primeiro" signifique lutar pelo lugar dominante sob as condições prevalecentes de competitividade econômica, então temos a reedição da luta de todos contra todos. Não há mais nenhuma racionalidade pacificadora nessa luta. O universal que consubstancia as pessoas se torna o geral do interesse particular. Isso nunca foi estranho ao capitalismo, pois sempre esteve consigo. Mas o capitalismo foi como que circundado pelo esclarecimento do cidadão e as suas realizações na lei, na política, na arte, na ciência, na mídia e assim por diante.

Sim, a globalização é uma destas realizações e criou uma rede que dificulta o confronto isolado. Mas quanto mais complexa e densa a rede se torna, mais forte é o desejo e, provavelmente, também a disposição de libertar-se dela por meio de cortes brutais. Isso foi – e penso na política de esquerda do Portugal revolucionário - outrora um projeto belo, mas revelou-se tolo, posto ser um projeto moralizante sem poder econômico. Agora se torna a arma dos grandes negociantes.

Que Trump julgue simplesmente pela barriga, isto precisa ser levado a sério. Ele se sente tão livre porque não está mais preso a reflexões que seriam uma limitação de sua vontade. Assim, ele se torna um modelo e herói para muitos. Sua pobreza intelectual acasala com terrível poder. Já Putin nos mostra, de maneira mais racional, como se pode praticar a política do poder real na corrente de condutas, tais como: "a Rússia primeiro", também contra

a resistência interna e com a recuperação de territórios perdidos. Erdogan fantasia sobre um novo Império Otomano que una todos os muçulmanos sob sua liderança. Xi Jinping se tornou o imperador da China. E quem será eleito no Brasil?

"Não se pode deixar se estultificar pela própria impotência e pela potência dos outros!" A exigência de Adorno persiste, mas resgatá-la está se tornando cada vez mais difícil em uma situação na qual círculos cada vez mais amplos da sociedade não se importam mais com a racionalidade que una as pessoas. Eles estão fartos dessa disciplina que os restringe ao "verdadeiro, belo e bom". Eles preferem manter os bons e belos bens e os líderes poderosos que protegem seus interesses particulares contra estranhos. Estas são perspectivas sombrias, mas também significam um desafio à resistência.